

Examine Life. Para uma Filosofia do Caminho

Maria Luísa Malato
Universidade do Porto - ILC

José Eduardo Reis
UTAD - ILC

Resumo

Este breve artigo resulta das notas de apresentação do filme realizado em 2008 por Astra Taylor, *Examined life* (2008), debatido no *Encontro de Jovens Investigadores de Literatura Comparada II*, organizado no Porto, em 2018. Procura recuperar para o domínio dos Estudos Comparatistas um conjunto de reflexões que, neste documentário, são defendidas por oito filósofos contemporâneos: o diálogo entre culturas, a dialética entre o universal e o particular, o uno e o diverso; a tensão entre a busca de um conhecimento e a dimensão ética do saber; a fronteira que separa e une Natureza e Cultura; e ainda a complementaridade de opostos, a vida e a morte, a criação e a destruição, a forma im-perfeita, não acabada, dos textos que atravessam tempos ou espaços...

Palavras-chave

Literatura Comparada, Literatura-Mundo, Sentido do Texto, Filosofia, Ética, Política, Género, Deficiência e Incapacidade

Abstract

This short article is the outcome of the oral presentation on Astra Taylor's film, *Examined life* (2008), which was addressed and discussed at the Second Meeting of Young Researchers for Comparative Literature, held in Porto, in 2018. It seeks to recover for the domain of Literary Comparative Studies a set of reflections by eight contemporary philosophers: the dialogue between cultures, the dialectics between the universal and the particular, the one and the diverse; the tension between the search for knowledge

and the ethical dimension of knowledge; the border that separates and unites Nature and Culture; and also the complementarity of opposites, life and death, creation and destruction, the imperfect, unfinished text forms that cross time and space...

Keywords

Comparative Literature, World Literature, Text Meaning, Philosophy, Ethics, Politics, Gender, Disability, Impairment

“Someone will say: Yes, Socrates, but cannot you hold your tongue, and then you may go into a foreign city, and no one will interfere with you? Now I have great difficulty in making you understand my answer to this. For if I tell you that this would be a disobedience to a divine command, and therefore that I cannot hold my tongue, you will not believe that I am serious; and if I say again that the greatest good of man is daily to converse about virtue, and all that concerning which you hear me examining myself and others, and that the life which is unexamined is not worth living – that you are still less likely to believe.”

(Plato, *Apology of Socrates*)

Examined Life (2008) é um filme-documentário,¹ cujo título é devedor de um famoso *dictum* de Sócrates no seu leito da morte, reproduzido por Platão na *Apologia de Sócrates*: “Uma vida não examinada não é digna de ser vivida”. Em homenagem à tradição socrática, nele se adota uma estratégica fílmica que segue o modo peripatético de indagação e transmissão do modo de conhecer filosoficamente o mundo. É assim que vemos e escutamos os filósofos Cornel West, Avital Ronell, Peter Singer, Kwame Anthony Appiah, Martha Nussbaum, Michael Hardt, Slavoj Žižek e Judith Butler deslocando-se, na sua maioria a pé, por diferentes lugares, que, pelas suas características espaciais – jardins, avenidas, aeroporto, promenade, lago, lixeira, ruas – operam, na sequência da sua apresentação, como significantes adequados à exposição dos significados das suas respetivas teses. Se bem que o principal foco de abordagem de *Examined Life* não seja o universo da estética e, em particular, o campo da literatura, tal não significa que nele não se possam discernir contributos filosóficos de vária ordem, com implicações instrumentais no trabalho hermenêutico, em geral, e literário e comparatístico, em

particular. Isso não surpreende se se considerarem os contributos que a reflexão filosófica, desde a apreciação moral e didática do conteúdo da obra de Homero, no *Ion* de Platão, e da dissecação formal da composição da tragédia grega, na *Poética* Aristóteles, tem dia-cronicamente desempenhado na construção do discurso crítico metaliterário. E, em concreto, no discurso de vocação comparativista que, nas suas origens e desenvolvimentos subdisciplinares, regista a influência de modulações conceptuais provenientes da teoria crítica e da estética literária de índole filosófica. A ênfase existencial colocada no título deste filme-documentário é repercutida no maior número de intervenções do pensador americano Cornel West, em cujos depoimentos e na sua versátil maneira de expor – “I am a blues man in the life of the mind, I am a jazz man in the world of ideas” – realça a condição finita da vida humana. É nas suas múltiplas configurações e nas suas variadas modalidades expressivas que, por diferentes e originais conceções filosóficas, a questão do significado político, ético, cultural, ideológico, ecológico da vida é abordado, neste documentário, por aqueles oito pensadores contemporâneos, a maioria filiados na tradição filosófica anglo-saxónica, em correlação com temas e enfoques que subjazem a várias epistemologias que contemporaneamente definem a miríade de estudos prosseguidos pelo comparativismo literário.

Há na composição do filme, na escolha ou arbitrariedade dos cenários e na sua relação com o discurso das personagens, uma oposição omnipresente entre a harmonia de um mundo tal como poderia ser e aparente caos de um mundo tal como o percebemos. Ecoa nas diversas paisagens dos diálogos, uma longínqua lembrança dos versículos que narram os primórdios: “E tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do bem e do mal, dela não comerás, porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn. 2. 15-17). A cidade desfila para além dos vidros de um carro que parecem proteger Cornel West e os espetadores abrangidos pelo olho da câmara de filmar. Por contraste, há a lembrança de um paraíso perdido em que o ser humano está condenado a amassar o pão com o suor do seu rosto: os transeuntes correm, transportam pastas, malas, mercadorias, falam ao telemóvel: “the folks that are walking in these streets, in New York, in crowds with no intellectual interrogations”...

Não é explicitamente convocado por Cornell West um sentido religioso, ainda que ele seja por vezes referido (atente-se, por exemplo, na distinção feita entre um “cristão” e um “puritano”, ou na contiguidade entre Filosofia e Religião (a comum ilusão da aparência, eminência do mistério, ou iminência da revelação). Mas uma indelével

presença do paraíso perdido é debatida pelos oito filósofos, quer eles estejam no meio do caos aparente da vida urbana (C. West, Peter Singer, Appiah, Žižek), num jardim público (Avital Ronell, Martha Nussbaum, Michael Hardt) ou ainda num terceiro gênero, o subúrbio, um espaço quase abandonado ou em segunda-mão (Judith Butler/ S. Taylor). Quando Cornel West fala da importância da música e sem dúvida se recorda então do último desejo de Sócrates, o de aprender a tocar flauta (“Philosophers should go to school with musicians”), vê-se pelos vidros do carro um músico de rua que toca flauta. No documentário, o caos parece por vezes ligado a um cosmos potencialmente musical. Quando Cornel West afirma: “I am a blues man in the life of the mind, I am a jazz man in the world of ideas”, explicita que nada há na afirmação que o aproxime da melancolia romântica, antes deseja expressar uma harmonia em tons menores, um processo não finito que combina estilo com improviso, constringimento com liberdade, arte com catástrofe, evocando o intenso prazer de criar, ainda na mais aparente solidão: “is personnal catastrophe lyrically expressed”. O jazz é uma música urbana nascida da música dos escravos, nos campos de algodão...

Talvez não seja por acaso, não o será certamente, que a ordenação da sua discreta exposição multi-temática, *Examined Life* dá destaque a três partes da intervenção – metafísico-ético-político-estético-existencial – de Cornel West, enunciadas num automóvel em andamento por avenidas de Manhattan e conduzido pela própria autora do filme, Astra Taylor.² Esta montagem tripartida, exclusiva para o testemunho de West, coloca o seu pensamento (fragmentado e veloz) no início, no meio e na conclusão do documentário, e acaba por marcar, mais do que as restantes intervenções e paisagens, uma permanente ideia de passagem, transporte, movimento e caminho. Não é claro, assim parece e talvez por isso assim seja, o quanto esse caminho tem de escolhido ou arbitrário. Cornel West fala sobre a maiêutica socrática usando ainda a metáfora do parto, num carro em andamento, uma bolha de vidro que atravessa o quadriculado das avenidas de uma grande metrópole. Os outros testemunhos são, de alguma forma, variantes desta estrutura-mãe.

Há também, desde o título do documentário, uma leitura do mito da caverna, alegoria apresentada por Sócrates na *República*, de Platão, No depoimento de Avital Ronell, Taylor explica-lhe que a intenção programática do seu filme é conter, numa súplica oral limitada a dez minutos, tópicos filosóficos correspondentes a centenas de páginas escritas por si e pelos seus interlocutores. De forma idêntica, ainda que com a paisagem oposta, o jardim em que Avital Ronell questiona a finitude do sentido é também a

representação dos termos com que Sócrates se recusa a escrever. O jardim representa a tensão dos sentidos, do sentido: é um espaço fechado que recusa um tempo fechado, um espaço que luta com os seus limites. Como falar de tudo em dez minutos? Avital Ronell avança, Astra Taylor recua. Enquanto Avital Ronell se pergunta como poderá ser decifrado tal condensação de frases, a câmara de filmar centra-se nos sucessivos gradaamentos do parque, nas ripas dos bancos, vendo-se, para além das árvores, as muralhas dos prédios que o rodeiam. Etimologicamente “paraíso”, vindo do grego “paradeisos”, é ainda “jardim com cerca”.

Na sequência seguinte, Peter Singer poderia ter descido do carro de Cornel West: mas anda devagar, para bastantes vezes, diante de uma montra de produtos de luxo ou da câmara de filmar. Como pano de fundo, o espetador tem tempo para ler os anúncios publicitários: Mr. Diamond, Extasy, Definition, You Rule. Lembrando Sócrates na ágora, Peter Singer inquire, agora por entre as lojas da 5.^a Avenida de Nova Iorque, o que é a justiça, e em que medida somos coerentes na nossa forma de a buscar. Claro que, num dilema hipotético entre comprar um par de sapatos de *griffe* e salvar uma criança que vissemos a morrer, deixaríamos os sapatos para salvar a criança. Mas o que sucede se não vímos a criança morrer, e ainda que saibamos da precária existência e da possibilidade de financiar quem a salve, porque escolhemos invariavelmente comprar os sapatos?... A pergunta parece irónica, na sua ingenuidade e Peter Singer tem consciência da sua leitura, que evoca subtilmente Sócrates. Afirma, a determinada altura: já não se matam filósofos que falam na ágora. E todavia, pressupõe-se, a indiferença geral tornou essa morte física desnecessária... Martha Nussbaum escreverá em *Not for profit*, publicado dois anos depois, pela editora da Universidade de Princeton, significativamente intitulada *The Public Square*:

The Socratic ideal [...] is under severe strain in a world bent on maximizing economic growth. The ability to think and argue for oneself looks to many people like something dispensable if what we want are marketable outputs of a quantifiable nature. (Nussbaum 2010: 48)

Porém, talvez a resposta possa ser lida já no cenário seguinte, como é de regra atentar na prática da Geopoética, da Geocrítica ou da Filosofia da Paisagem: o filósofo Appiah fala-nos entre escadas rolantes do aeroporto de Toronto. Símbolo daqueles espaços que Marc Augé designou como “non-lieu”/ “não-lugar”, o aeroporto é uma área de passagem, tudo tende ao anonimato, o espaço e os que o frequentam. A câmara

foca-se em horários de aviões, “departures”, “arrivals”. E, todavia, entre passadeiras e terminais, de mala de cabine na mão, Kwame Anthony Appiah escolhe falar da hipótese, improvável mas possível, do não-lugar (no aeroporto como na cultura) ser lugar de reconhecimento do outro, distinto e semelhante. Estando ele simultaneamente parado e em movimento, as suas palavras parecem ainda as mesmas que ouvimos e diferentes das restantes. Estabelecem uma dimensão circunstancial e transtemporal, remetem para os equívocos de conceitos religiosos como “o nosso semelhante” ou “o próximo”, que tão frequentemente se entendem como propriedade: são “nossos” se convertidos ou evangelizados. Também lá nos reencontramos com Sócrates, que se disse cidadão do mundo. Mas também com Goethe, que vaticinou, em 1827, a importância de uma *Weltliteratur* (termo que a Literatura Comparada foi sucessivamente aprimorando com os títulos de *Littérature Universelle* e *World Literature*): “cada literatura nacional é dupla: particular na sua linguagem e nas suas formas, universal no que do humano através dela se exprime” (Goethe, 1996: 297, tradução nossa). O equívoco eminente reside, segundo Appiah, em vermos o nosso semelhante como nosso igual, ou como “nosso”, reprodução ainda de nós, ou do que nós julgamos ser. Em que medida então nos distinguiremos e nos fundiremos com o “próximo”, cientes desse policentrismo que toca a utopia? Não é o aeroporto um não-lugar que nos revela uma comunidade alargada, perceptível à nossa vista? Há, certamente, neste espaço, uma ironia subtil com os outros testemunhos, nomeadamente com o de West e Singer que tínhamos visto a percorrer a 5.^a Avenida de Nova York. Se lermos o livro mais conhecido de Appiah, *Cosmopolitanism*, encontramos logo nas primeiras páginas o desafio que West e Singer parecem estar a seguir:

If I walk down New York’s Fifth Avenue on an ordinary day, I will have within sight more human beings than most of those prehistorical huntergatherers saw in a lifetime. [...] It is [...] little short of miraculous that brains shaped by our long history could have been turned to this new way of life. (Appiah 2006: xii)

O testemunho de Martha Nussbaum parece propor um paralelismo com o não-lugar de Appiah, mas agora centrando-o mais claramente nesse não-tempo evocado por Appiah, quando pensa na possibilidade de um bebé pré-histórico sobreviver e viver no nosso mundo. Martha Nussbaum vai falar de um tempo trans-histórico coletivo, mas também de um tempo individual em que confluem as várias idades do ser humano. No parque em que Nussbaum se passeia, a câmara segue seres humanos em muito diferentes

velocidades, com diferentes estados rítmicos e anímicos. A antevisão de viadutos, passadiços, pontes dos não-lugares, serve de transição às faixas paralelas, contemporâneas, de um caminho que acompanha as margens de um lago: a câmara foca, isoladamente ou em conjunto, adultos que jogam na relva, pedestres e ciclistas, crianças que começam a dar os primeiros passos, outras que andam de patins, cisnes e barcos que circulam no lago, e pássaros, que por cima de todos voam. A questão apresentada por Martha Nussbaum prende-se justamente com este cenário acrónico, na medida em que contrapõe duas visões (“two aproches”) de responsabilidade coletiva, assentes, uma na desigualdade natural que valoriza a expressão individual, outra na igualdade que tem de ser criada (e é, em certa medida, produto da arte, artificial) que valoriza a solidariedade de cada um com todos. Nussbaum passeia-se entre tempos distintos (v.g., antes e depois da ideia de “contrato social”), entre culturas contemporâneas (v.g., americana vs. europeia, académica vs. popular) ou entre diferentes formas de dizer o mundo (v.g., arte e ciência, corpo e intelecto). O que salienta, invariavelmente, é a sua complementaridade. A deficiência de algumas qualidades (desde logo físicas, e ainda que sejam provisórias) incita, segundo Martha Nussbaum, à exclusão social de algumas faixas da população: as crianças, os velhos, mas também as mulheres, podem ser facilmente desprotegidos, social ou intelectualmente, por razões que dizem respeito ao seu corpo, individual e físico. A deficiência física, mas por acrescidos argumentos a deficiência mental ou económica, cria naturalmente uma hierarquia de poder que só artificialmente pode ser contrabalançada: será deste modo necessária uma consciência coletiva, um espírito de “cuidador” que deve ter ainda o mais forte para com o mais fraco, procurando em todos, na medida do possível, o desenvolvimento de competências sociais, intelectuais, ou emocionais.

Estamos agora no centro cronológico do documentário. Ao testemunho de Martha Nussbaum segue-se a segunda parte do testemunho de C. West. O espetador regressa então ao bulício de uma rua de Nova Iorque, mas agora o carro quase para no trânsito: “Slow. Watch for our children”, lê-se num sinal. C. West parece falar de outras coisas: de Montaigne, “to learn how to die”, e como é importante criarmos uma condição, *sine qua non*, para a verdade filosófica: “Allow souffrance to speak”.

As questões espaciais e temporais a que o documentário nos abandona são abrangentes, vão da ética à política, passando sem dúvida pelo que fazemos em Literatura Comparada. Segundo Claudio Guillén, tendo sempre a Literatura Comparada uma definição ampla e folgada, nunca deve perder de vista o seu cariz inicial, de busca, desejo, atividade que a define face a outras atividades. Guillén fala da busca das propriedades de

uma comunicação, literária no caso, devendo o investigador estar ciente das nascentes primordiais, e das metamorfoses constantes dos temas, das formas, dos géneros. Fala também do desejo de superação do nacionalismo cultural, e do sonho que a acompanha desde Goethe de uma “literatura do mundo”. A atividade do investigador é uma reflexão acerca da historicidade, literária, do seu carácter, dos seus condicionamentos, do seu perfil temporal e possíveis sentidos (Guillén 1985: 14).

O testemunho seguinte, o de Michael Hardt, num barco de recreio no lago de Central Park, é-nos apresentado em parte como resposta possível às margens de K. A. Appiah e M. Nussbaum. Até porque, sedentes do sentido da vida ou do texto, facilmente caímos na falácia do argumento *post hoc ergo propter hoc*, do sentido dado pela sequência: depois disto logo por causa disto. Sendo ele criado pela montagem do documentário, não deixa de ser argumentativamente eficaz, já que Hardt, colocado depois de Appiah, nos obriga a ler o mundo ao contrário, como se as linhas do mapa fossem agora as demarcadas pela água, matéria em que é impossível fixar caminhos, sendo a terra, pelo contrário, um espaço intersticial, marginalizado. A câmara de filmar, quando se foca nas margens, lê-as em construção: há máquinas a desbastar as extremidades do lago. O tema de Hardt é também uma inversão da perspetiva: a revolução, no limite, a revolução que deve ser a democracia (“the rule of all by all”), uma utopia sempre por fazer. Hardt fala de como lhe pareceu bizarro um jovem revolucionário da Nicarágua o incitar à revolução nos Estados Unidos da América. Refere a ânsia de revolução que a cultura americana sempre transporta para o exterior, na convicção de que ela está feita internamente. Algumas destas ideias vamos encontra-las no livro que Hardt escreveu com Antonio Negri, *Empire*, em que se questiona a bondade do que é designado como “right of intervention” (2000: 18). Lidados com a paisagem, conceitos como “revolução” ou “democracia” querem-se observados por dentro, como horizontes em construção. Por isso se refere, *en passant*, a palavra “utopia”, em termos que lembram os definidos por Fernando Birri: é horizonte que se afasta à medida que dele nos aproximamos e “serve para caminharmos” (*apud* Galeano 2012). Numa nova ordem mundial, em que os estados-nação perdem poder sobre grupos militares ou económicos, discute-se ainda o Império. A política é assim, como o pensamento, um espaço-caminho, movediço, imperfeito, de interrogação e transformação, que se anula sempre que se afirma como cliché ou passado histórico.

Os caixotes de lixo, que já tinham aparecido antes, no jardim em que se passeava Avital Ronell, concentram-se agora no testemunho de Žižek, filmado numa lixeira para falar de Ecologia. Não nas formas em que é usual falar do conhecimento (gr. -logia) da

casa (gr. *ecos*) comum, mas precisamente recordando, a partir da crescente oposição entre Natureza (de que se excluiria o ser humano) e Cultura (onde só se incluiria o humano), o paradoxo verosímil de uma “natureza humana”, o hiato que separa a argumentação ecológica do comportamento ecológico. No caos organizado da lixeira (separados que ficam os frigoríficos, os objetos da casa, as roupas e os colchões), parece haver, entre a casa individual (de onde veio uma cassete, ou um frigorífico ainda com alimentos) e a casa comum (a lixeira que reúne o lixo individual), um cómodo silêncio: “I act as if I do not know”. Žižek, provocador, aproxima então a Ecologia da Religião, “ópio do povo” (das massas). Como a religião para Marx, a Ecologia não é debatida: o cataclismo é lido religiosamente como consequência da *hybris* ou do pecado, um castigo face à infração dos seres humanos. Tal leitura só seria válida se baseada numa idealização da Natureza, se nela vímos um paraíso original, isento de conflitos, de onde somos fatalmente expulsos por nos portarmos mal, concebendo-nos inteiramente como seres abstratos, seres de Cultura e sem Natureza, ou lugar na Natureza. Pelo contrário, a Natureza, na visão de Žižek, não é senão “uma imensa sucessão de inimagináveis catástrofes” que devemos aprender a integrar na Cultura. De certa forma, podíamos aproximar estas reflexões do conceito de sintoma, delineado por Žižek numa obra muito anterior, *The sublime object of ideology*: “This is the symptom: an element which causes a great deal of trouble, but its absence would mean even greater trouble: total catastrophe” (Žižek 1989: 85). Não se ama senão aceitando a imperfeição do que amamos. Voltamos, desta forma, e na aparente dispersão de cenários e testemunhos, ao primeiro tema de Cornel West, a do amor à imperfeição: quando se ama, “you see perfection in imperfection”.

O último depoimento é de Judith Butler. Ela acompanha Sunaura Taylor, a irmã da realizadora, que se move numa cadeira de rodas e sofre de várias limitações físicas nos membros inferiores e superiores. Ainda estamos perante um conhecimento do caminho, só teoricamente evocado quando Martha Nussbaum falava na importância das “physical and social disabilities”. Judith Butler diz a Sunaura Taylor: “I want to know what means to take a walk”. O que pode significar “dar um passeio” para quem não pode dar um passo? Butler quer saber. Fala-se do corpo, uma vez mais. Exemplifica-se a imanente marginalização social de Nussbaum com a história de uma chávina que Sunaura agarrou com a boca, ou a compra de uma camisola que Sunaura enfia com a ajuda de Judith. Explicita-se o desconforto involuntário de fazer ou ver fazer coisas comuns com partes incomuns do corpo. Põem-se a descoberto os preconceitos sobre o que pode, ou não pode fazer cada parte do corpo. De forma semelhante, não deixam de reparar na

ironia, estranham ambas uma sapatilha sem par, abandonada numa ruela de subúrbio. Judith Butler é a autora de *Gender Trouble* (1990), onde se discute a oposição entre os conceitos de “sexo” (definido pela Natureza) e “género” (construído pela Cultura), largamente consensualizada nos Estudos Feministas. A conversa centra-se, pois, quase sem nos darmos conta, na questão do “género”, e nos termos enunciados em *Gender Trouble*: “I sought to counter those views that made presumptions about the limits and propriety of gender and restricted the meaning of gender to received notions of masculinity and femininity” (Butler, 1990: vii). Referem-se casos verídicos: um jovem do Maine foi morto à pancada, tendo os assassinos revelado que os tinha incomodado a forma de andar, bizarra, dita “feminina”. Como se concebe, aceita ou reproduz esta uniformização funcional, que pode levar alguém a matar outro por parecer “feminino”? Como se justificam os dogmas que nos regem sobre o que pode fazer cada parte do corpo? Judith e Sunaura atravessam uma rua urbana. No cartaz de um estabelecimento comercial, junta à passadeira, cremos ter lido “Aldea”.

Lido como uma rede de símbolos, o filme torna-se iniciático: os textos leem-se nos contextos, e ambos nos conformam o mundo. Por esta condensação temporal e espacial o documentário é também uma síntese, a sua coerência simbólica quase tende para a narrativa mítica.

Nas suas brevíssimas e muito discretas intervenções, a realizadora coloca a Avital Ronell uma questão, que é também explicitamente endereçada a Cornel West e pressuposta nas participações dos outros filósofos: a de saber se a principal vocação da filosofia se caracteriza por ser a da busca de um sentido para a vida. Esta pergunta, nas suas vastas implicações ontológicas e nos seus diferentes recortes epistemológicos, não é obviamente indiferente ao modo de conhecer literariamente o mundo e ao seu estudo comparatista. Vimos já o quanto a montagem do documentário joga com essa nossa vontade de sentido: “what means a walk”, “we have the temptation of meaning”, “it has to have a meaning”, “what is a meaningful life”... O próprio acaso torna-se significativo com a montagem: a flauta de Sócrates é lida em conjunto com a flauta que do músico de rua; Cornel West fala da maiêutica da verdade, e em pano de fundo, dois empregados retiram um rígido manequim de montra das traseiras de uma carrinha de aluguer. A câmara de filmar vai sucessivamente focando as sandálias de toque oriental de Avital Ronell: o preceito de calçar as sandálias do outro é revisitado quando Sunaura veste de forma diferente a camisola do outro, com semelhante efeito. Os sapatos da montra da 5.^a Avenida vão glosar as sandálias de Avital Ronell e ser glosados por Peter Singer para

agora perguntar como cada um pode fazer se estiver na posição do outro. A sapatilha desgarrada que Judith Butler e Sunaura Taylor estranham pelo abandono fala ainda de deficiência física e (a)normalidade do corpo... É curioso verificar que, quando lemos um livro publicado em 2010 por Martha Nussbaum, *Not for profit: why Democracy needs the Humanities*, o filme de Astor Taylor continue presente, não só por recordar a mesma frase da Apologia que dá nome ao filme, mas por dedicar todo um capítulo à importância da pedagogia socrática, promotora de uma saudável irreverência face à autoridade, essencial à sobrevivência do pensamento:

Citizens cannot relate well to the complex world around them by factual knowledge and logic alone. The third ability of the citizen, closely related to the first two, is what we can call the narrative imagination.¹ This means the ability to think what it might be like to be in the shoes of a person different from oneself, to be an intelligent reader of that person's story, and to understand the emotions and wishes and desires that someone so placed might have. (Nussbaum 2010: 95-96)

Forma e Conteúdo funcionam assim, progressivamente, primeiro dentro e depois fora do documentário, como um programa pedagógico, didático e científico. De facto, a afinidade originária entre o discurso conceptual, predominantemente filosófico, e o de pendor estético e imaginário literariamente codificado, articula-se sobre um fundo comum de pensamento crítico que oscila, nos seus métodos e fins, entre a construção persistente, falível, problematizante, de reflexões inteligíveis de mundos reais e possíveis, e a desconstrução sistemática, racionalmente positiva, cética ou niilista, de ideias e valores dominantes, em processo de consagração, ou legitimados pela *doxa*.

A oscilação entre rejeitar ou aceitar a procura de um sentido para a vida como a principal razão de ser da filosofia surge, aparentemente, polarizada nos juízos de Avital Ronell e de Cornel West. Ronell declara a sua suspeita, histórica e intelectual, sobre a prioridade dada à busca do sentido por ela, a seu ver, estar habitualmente confinada em fórmulas fechadas e tendencialmente totalitárias de explicação do real, ou a modos compensatórios de se evitar o inapreensível – “the wound of non-meaning”. A experiência do não-sentido, incomensurável com juízos *a priori* ou condicionados por sistemas de valores, é tida por Avital Ronell não só como a condição de se preservar o reconhecimento da absoluta contingência do processamento das situações e dos fenómenos, mas sobretudo como a garantia da exigente, ansiosa, desamparada ação pessoal, ‘mega

eticamente' auto-consciente e liberta de restrições exteriores de validação do que é considerado como sendo acriticamente normal:

I think is very hard to keep things in the tensional structure of the openness, whether is ecstatic or not, of non-meaning [...] which is why there is then the quick grasp for a transcendental signifier, for God, for nation, for patriotism. It's been very devastating this craving for meaning, though it's something with which we are in constant negotiation.

A celebração do não-sentido, enfatizada por esta posição filosófica de Avital Ronell, releva de uma suspeita essencial, por assim dizer, nas construções do sentido condicionadas por esquemas analíticos pré-determinados. Se atendermos às suas implicações no campo da representação literária e das suas exegeses metaliterárias, ela implica uma compreensão dos textos enquanto obras abertas, multidimensionais, e potencialmente indutoras de processos de leitura relacional.

Cornel West, por seu lado, apesar de reconhecer como pertinente a questão da filosofia ser motivada pela busca do sentido para a vida, explica que essa procura não deve ser tida como dirigida para um fim ou objetivo último, para um "static, stationary *telos*", mas antes como "a process that one never reaches; it's Sisyphian. You're going up the hill, looking for better meanings or grander more noble ennobling, enabling meanings, but you never reach it. In that sense, you die without being able to have the whole, in the language of a Romantic discourse". A questão do sentido ser prosseguido, negativamente, como rejeição de uma falso conhecimento gerado pela função manipuladora da ideologia (Avital Ronell) ou, positivamente, como uma aproximação inquiridora da verdade, como um caminho de constante revisão de assunções tácitas (Cornel West), surge, nesta aparente antinomia de posições filosóficas, como indício de um exigente programa de ação ética, movido pelo imperativo socrático de se examinarem as motivações e as circunstância da vida individual com repercussões na esfera pública. Por meios diferentes, estes dois filósofos realçam a ideia, em grande medida ilustrada pela conceção mimética da literatura, do fluido, metódico, livre, crítico, falível, renovável e contingencial processamento conscientemente perceptivo do mundo. Para o demonstrar, Avital Ronell menciona os "Holzwege", os caminhos que não levam a lado nenhum, pensados por Heidegger, e a desconstrução, feita por Derrida, da pseudo-ação moral assente numa falsa boa consciência. Cornel West, por seu lado, refere também Heidegger e o seu famoso axioma do "ser para a morte", além de outras formulações

conceptuais e poéticas de Montaigne, Vico e John Donne, para predicar o acontecimento da morte – não como a cessação da vida, mas como a condição para a sua renovação; ou seja, da morte como um modo de prosseguir um caminho de vida experienciado pelo desvelamento possível e continuamente revisto da verdade enquanto conceito declinado com ‘letra minúscula’, e não enunciado como a consumação integral de uma singular e última Verdade com ‘letra maiúscula’. Caminho de vida, segundo Cornell West, não submetido exclusivamente à noção, totalizadora e ‘romântica’, do tempo entendido como uma derrota, mas, antes, valorizado pela noção cristã Tchekoviana do tempo experienciado como uma dádiva. É mediante esta noção de um tempo doado que, segundo West, se processam e incluem as múltiplas e dramáticas variações da experiência humana sujeitas à aprendizagem do erro – “Try again, fail again, fail better”, ensina Beckett –, que não têm necessariamente de ser tidas como fracassos, mas com índices de gratidão pelo que se foi capaz de realizar individualmente dentro dos necessários limites das capacidades subjetivas de cada qual.

Ao esvaziarem a substancialidade solene dos marcadores apriorísticos e teleológicos na programação ou configuração de sentidos unidimensionais; ao redimensionarem a noção absoluta de verdade, convertendo-a num modo de vida conduzido pelo exame crítico das circunstâncias em que se manifesta, tanto Avital Ronell, sublinhando a “absolute continency of being”, como Cornel West, rejeitando “a obsession with the wholeness”, subscrevem epistemologias críticas e libertas de pressupostos totalizantes, convergentes com representações literárias plurais, possíveis e imaginárias da vida humana. Mas também de fundamentação a abordagens metaliterárias, como as prosseguidas no âmbito do comparativismo, abertas ao reconhecimento da diversidade da mundividência cultural. É assim que sub-áreas como as dos estudos literários pós-coloniais, ou de género, por exemplo, ou mesmo áreas que interceptam ou dialogam com o comparativismo, como os estudos culturais, podem ser, nas revisões críticas a que procedem do conhecimento eurocêntrico e canónico do sistema literário, perspectivadas em diálogo com o exercício de desconstrução das conceções totalizantes que Cornel West designa de ‘românticas’ – de que serve de exemplo este seu juízo sobre o Pseudo-Paraíso:

Of Course, America is a Romantic project. It’s paradisaical, “City on the Hill” and all the other lies. I say no, no, America is a very fragile democratic experiment, predicated on the dispossession of the lands of the indigenous peoples and the enslavement of African peoples and the subjugation of women and the marginalization of gays and lesbians. It

has great potential. But this notion that somehow, we had it all or ever will have it all, it has got to go.

Como vimos já, as considerações de Avital Ronell, caminhando num jardim, precedem e explicam as de Peter Singer, caminhando na Quinta Avenida em Nova York – uma das artérias urbanas do mundo associadas ao comércio de luxo. Esta sequência na montagem do filme é justificada pela abordagem comum, mas discreta, que ambos dedicam à qualidade ética do agir humano. Enquanto para Ronell essa qualidade se baseia no conceito de “ethical relatedness”, de uma relação esvaziada da relação pré-determinada que reduz a incomensurabilidade do ser do Outro a um sentido que o torna apropriável ou objeto de todo o gênero de projeções preconceituosas, para Singer essa qualidade é abordada numa perspectiva eticamente aplicada, a partir de exemplos de casos concretos relacionados com as práticas humanas do consumo e da alimentação. São dois os princípios gerais ou imperativos simples que, no decorrer da exposição de Peter Singer, parecem tutelar a fundamentação da sua ética prática concebida à margem de qualquer injunção de caráter religioso, a saber, o de ajudar e o de não prejudicar o outro. Daí os exemplos por ele apresentados, mediante os quais questiona o uso do dinheiro na aquisição de produtos de luxo para gratificação própria, bem como o consumo de proteína à custa do sofrimento animal para satisfação de hábitos ou apetites alimentares. Convertidos em tomadas de decisão, esses princípios podem implicar o agir ou não agir com base, não propriamente numa avaliação arbitrária, meramente subjetiva sobre o que está certo ou errado, mas antes executados a partir do reconhecimento dos interesses do Outro. A sua explicação é feita nos seguintes termos: “When you start to look at issues ethically, you have to do more than just think about your own interests. You have to ask yourself, how do I take into account the interests of others?” Essa inclusão, no modo de agir eticamente, do reconhecimento da alteridade e dos interesses que a movem como condição necessária para ajudar, para não prejudicar e para reduzir o sofrimento do Outro é para, Peter Singer, consubstancial da resposta que dá à perene questão filosófica de saber se a vida tem sentido. Nesta medida, enquanto Avital Ronell desconstrói essa questão por a considerar limitadora de uma indagação angustiada e sempre precária que evita aprisionar o outro nos quadros de referência de quem o julga compreender, Peter Singer vê nela a possibilidade de ser afirmativamente respondida se corresponder à vontade de a converter num curso de ação individual movido pela adesão a causas solidárias e mitigadoras do sofrimento coletivo. Para o filósofo australiano, “It is hard

to find anything more meaningful than reducing the amount of unnecessary pain and suffering that there has been on this world, or making the world a little bit better for all the beings who are sharing it with us”.

A ênfase dada por Peter Singer à vertente aplicada do pensamento filosófico que, no rescaldo dos movimentos estudantis dos anos setenta do século passado, retoma a tradição socrática de questionar a moral do senso comum, inscreve-se na mudança operada pelos estudos académicos de se dedicarem ao exame das grandes questões contemporâneas. Uma mudança paradigmática ocorrida no âmbito das Humanidades, também verificada no estudo da Literatura Comparada que, a partir da referida década de setenta, reconfigurou os seus objetos de estudo poético-retórico de modo a incluir questões de incidência ética-política. Nesse sentido, o contributo de Peter Singer no campo da reflexão ética sobre problemas relativos à noção jurídica e moral de direitos, distendendo-os, com base numa consistente argumentação racional, aos seres animais não-humanos, além de ter dado continuidade e atualizado uma antiga corrente de argumentos filosóficos, constituiu-se num importante subsídio teórico para as possíveis análises literárias comparatistas prosseguidas no âmbito dos designados *Animal Studies*.

Com efeito, as reflexões que encontramos em *Examined Life* podem, em geral, aproximar-se das que feitas a propósito do conceito de “World Literature”, com que pretendia questionar os resquícios de uma Literatura Comparada novecentista. Contes-tando-a, essa “Literatura-Mundo” conceber-se ia ao arrepio de uma definição nacionalista e epicêntrica do conhecimento, e da sua expressão:

1. World literature is an elliptical refraction of national literatures.
2. World literature is writing that gains in translation.
3. World literature is not a set canon of texts but a mode of reading: a form of detached engagement with worlds beyond our own place and time. (D’haen; Dominguez; Thomsen 2012: 201)

A banda sonora de *Examined Life* pouco varia no estilo (as composições são quase todas de J. Hardin, de Heather Mcintosh e Korena Pang). Não sendo jazz canónico, combinam-no com muitas outras referências culturais. Os títulos das músicas vão falando dessa mescla que lhes dá forma: *Caribea, Up Broadway, For Travelers, Sound Electric, Chicago Invention, Paths of Low Flying Birds*. No final do documentário, Cornel West sai do carro de Astra Taylor e despede-se repetidamente, num fim de tarde chuvoso. Consegue-se ler ainda um sinal de trânsito: “Keep right”.

NOTAS

- ¹ Posteriormente à realização do filme, foi editado, pela sua realizadora, Astra Taylor, um livro com o mesmo título e com a transcrição ampliada do seu conteúdo: *Examined Life. Excursions with Modern Thinkers*, ed. Astra Taylor, New York, New Press, 2009.
- ² Astra Taylor, é uma documentarista américo-canadiana, ativista social, associada ao *social occupy movement*, autora de textos de intervenção, partidária da não escolarização, mas também guitarrista e acordeonista do grupo indie-rock Neutral Milk Hotel.

Bibliografia

- Appiah, Kwame Anthony (2006), *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*, New York, W. W. Norton.
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*, New York and London, Routledge.
- D'haen, Theo & Dominguez, César & Thomsen, Mads Rosendahl (Eds.) (2012), *World Literature. A Reader*. London/New York: Routledge.
- Galeano, Eduardo (2012), *El Derecho al Delirio*. Acesso URL em 31/12/2020: https://www.youtube.com/watch?v=Z3A9NyYZj8&feature=emb_logo
- Goethe (1996), *Écrits sur l'Art*, introd. T. Todorov, Paris, Flammarion.
- Guillén, Claudio (1985), *Entre lo uno y lo diverso*. Madrid, Editorial Crítica.
- Hardt, Michael; Negri, Antonio (2000), *Empire*, Cambridge/ Massachusetts; London, Harvard University Press.
- Nussbaum, Martha (2010), *Not for profit: why Democracy needs the Humanities*. Princeton/ Oxford, The Public Square/ Princeton University Press.
- Plato (s.d.), *Apology*, transl. Benjamim Acesso URL em 30/12/ 2020: <http://classics.mit.edu/Plato/apology.html>
- Taylor, Astra (dir.) (2008), *Examined Life*, Canada, The Sphinx Production.
- Žižek, Slavoj (1989), *The Sublime Object of Ideology*, London/ New York, Verso.